



Quando assistir ao Youtube gera engajamento, pertencimento e identificação – uma análise dos canais DePretas e Louie Ponto¹¹

Silvio Simão de Matos¹²

Resumo:

O principal objeto de estudo do artigo são os canais vinculados ao site www.youtube.com. A partir do desenvolvimento das redes sociais na internet e o surgimento de plataformas de interligação entre os indivíduos, esse ambiente em que passamos a interagir nos levou a grandes transformações, sendo uma das principais a da externalização, ou seja, o que era privado se transforma em público (SIBILIA, 2016). A partir dessa perspectiva, se apresenta como objetivo do artigo “identificar como canais no Youtube afetam as pessoas e levam a processos de engajamento, pertencimento e identificação”. Como instrumento científico, foram aplicadas técnicas de pesquisa qualitativa, incluindo entrevistas, grupos de discussão e etnografia na *web*. Com as teorias que compõem o texto e as análises realizadas, observa-se que a partir dos vídeos publicados nos canais DePretas e Louie Ponto, seguidores se descobrem, se identificam e passam a se engajar com temas sociais, em um percurso de pertencimento e ativismo social na *web*.

Palavras-chave: *Youtubers*; Redes Sociais na Internet; Ativismo social na *web*.

INTRODUÇÃO

O caminhar, o se inserir, o fazer parte das redes sociais da internet é algo até recente, mas que ocorre de um modo extremamente rápido. Em pouco mais de duas décadas passamos da internet do *fotolog* e dos *blogs* para as conexões voltadas a compartilhamento, curtidas e comentários. Foi justamente quando a tecnologia que permite o surgimento da *web 2.0* que acontece a aceleração das conexões às redes sociais na internet, sobretudo ao Facebook, Instagram, Whatsapp, Youtube, Twitter e, por último, TikTok (SILVEIRA, 2018).

Ao dialogar sobre essa transformação, podemos buscar Lytoard (2002, p. 4) que indica ser “[...] razoável pensar que a multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetará a circulação dos conhecimentos, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação de homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (media) o fez”. Essas novas máquinas (*smartphones* e *tablets*, por exemplo) aliadas às tecnologias da *web* afetam

11 O texto apresentado neste artigo é reflexo dos estudos desenvolvidos e das pesquisas aplicadas para desenvolvimento da tese de doutorado “Subjetivação e ativismo nos canais DePretas e Louie Ponto – identificação, engajamento e pertencimento”, defendida em setembro de 2019, no programa de Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

12 Doutor em Comunicação pela UFRJ. Coordenador do PIP em Comunicação da Univille e do projeto de pesquisa Conteúdo pra quê? Ativismo na web e os laços de aprendizagem, pertencimento e engajamento entre os jovens. Líder do grupo de pesquisa “Comunicação, mediações e cultura”. E-mail: silvio.simon@univille.br

sobremaneira nossas relações sociais, implicam em um se encontrar, se descobrir, a interações que fazem com que nos deslocamos da passividade para a interação, para o compartilhamento, para o consumo de ideias, produtos e serviços (CYPRIANO, SANTOS, 2014).

O objeto do presente estudo se encontra nesse cenário, da *web*, dos vídeos, das interações, da convergência. Como se trata de um ambiente vasto, enquanto modelos e estruturas de plataformas, optou-se por uma composição a partir de vídeos veiculados nos canais: DePretas e Louie Ponto. O objetivo delineado foi identificar como canais no Youtube afetam as pessoas e levam a processos ligados a engajamento, pertencimento e identificação. Enquanto estrutura para compor as análises e relações com a teoria investigada, buscou-se a aplicação de entrevistas com as *youtubers* (Gabi Oliveira e Louie Ponto), a realização de grupos de discussão e a coleta de dados a partir de uma etnografia na *web*. Levando em consideração vídeos publicados nos canais aqui citados, foram coletadas informações do próprio vídeo, dos comentários e respectivas interações.

A trajetória de investigação parte de estudos que abordam as comunidades virtuais, a subjetivação de jovens e os movimentos de compartilhamento na *web* (ANTOUN, MALINI, 2013; BENTES, 2015; FEIXA, 2014; JENKINS, 2009; RECUERO, 2014; RÜDIGER, 2016), caminha por discussões sobre o Youtube e como essa interface de comunicação se constitui relevante para que jovens se vejam e se identifiquem com grupos de relacionamento (BRUNO, 2013; CASTELLS, 2003; PRIMO, 2016; SANTAELLA, 2017; SHIRKY, 2011; SIBILIA, 2016) e chega nos canais foco da pesquisa, em que se percebe a força de engajamento, de pertencimento e identificação atribuídas a partir das vivências e trocas entre os seguidores e que reforçam um posicionamento ativista das *youtubers* (BUTLER, 2018; DI FELICE, 2017; HOOKS, 2019; MAFFESOLI, 2017; SPURK, 2013).

RELAÇÕES DE COMUNIDADE E COMPARTILHAMENTO NA WEB

O senso de viver em grupos, em comunidades, sempre acompanhou a humanidade. Uma formação de rede que interliga, que constrói, que constitui caminhos relacionados à comunicação, ao poder, à união, a viver em grupos. Para Maffesoli (1998), a comunicação é algo de fundamental importância para nutrir a rede que liga os indivíduos uns aos outros. E justamente por ligar, unir “[...] redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade [...]” (MAFFESOLI, 1998, p. 114).

Se o ser humano em seu cotidiano procura intensamente a vida em grupo, para se relacionar, se projetar, ou mesmo, se identificar com quem passa a conviver, foi no ambiente da *web* que encontrou um local fértil para uma inclusão intensa e frequente. Por meio de plataformas *on-line*, como Facebook, Instagram e/ou Youtube, ocorre uma introdução em um universo de abundância, em que “[...] mensagens virtuais sem controle central e com forte espaço para

todo tipo de expressão fez emergir uma nova estrutura de organização social: as comunidades virtuais” (ANTOUN; MALINI, 2013, p. 35). Tendo como ponto de imersão essas relações, agora em formato *on-line*, que são moldadas novas formas de subjetividade, que representam perspectivas de inserção do sujeito que vai atrás de verdades nem sempre fáceis de serem visualizadas em seu cotidiano.

Descortina-se um movimento no qual não existem mais territórios fechados, mas sim uma navegação sem fronteiras e que tem nos indivíduos entre os jovens um dos principais pilares de imersão. Pessoas com idades entre 16 e 30 anos, por exemplo, adentram nessas comunidades virtuais em busca de novas experiências, vão atrás de viver o novo, em que, aos poucos, se molda uma cena em que o mais importante acaba sendo encontrar outras pessoas que surfam coisas semelhantes, por enfrentarem os mesmos problemas, as mesmas dificuldades de modo individual.

Rapidamente é possível observar que as formas clássicas de comunicação, situadas no fluxo de um para todos, podem ser abandonadas e trocadas por uma alternativa diferente, intensa, em que o fazer comunicacional está centrado no todos informam para todos (LÉVY, 1999). Em grupos, os indivíduos se redescobrem nas comunidades virtuais e passam a entender que as novas ferramentas de diálogo e troca permitem disseminação de ideias e defesa de posicionamentos. São sujeitos que usam *sites*, *blogs* e perfis nas redes sociais da internet para “[...] produzir uma comunicação em rede que faz alimentar novos gostos, novas agendas informativas e novos públicos [...] porque consegue[m] hackear a atenção de narrativas que antes se concentravam no circuitão de mídia” (ANTOUN; MALINI, 2013, p. 24).

Tem-se uma ruptura da comunicação sem interação e a internet e suas comunidades virtuais desvincula o local e gera circunstâncias capazes de apresentar uma sinergia de sociabilidade diferente, expandindo a interconexão e abrindo caminhos diferentes para trocas e interatividades (CASTELLS, 2003). Constituem-se redes de poder, de ensinamentos que se transformam em verdades e de pessoas que se encontram e se descobrem. Reputação, participação, relevância, negociação, dentre outras questões passam a atuar na construção e destruição de relacionamentos, no que é certo ou é errado, no que pode ou não ser feito na rede e pelas pessoas que nela estão (RECUERO, 2014).

Podemos indicar a existência de momentos que atribuem aos participantes *on-line* “[...] novos corpos, lares, empregos e romances, embora em meio a tais comunidades virtuais de súbito, possamos nos sentir totalmente sozinhos” (RÜDIGER, 2016, p. 24) e refletir nessa inserção nossa liberdade de escolha, nosso sentido de pertencimento (SANTAELLA, 2013). Saímos de eventuais isolamentos sociais, para uma motivação quase que plena para compartilhar o que fazemos, o que vivemos, nossas conquistas e derrotas. Se tudo antes pertencia às paredes, hoje não demoramos a perceber o quanto nos expomos, nos transformamos em corpos visíveis, ou como bem observa Sibilia (2016, p. 333) ganhamos contornos que podem ser chamados de “[...]”

extemidade, ou seja, um palco onde cada um pode – e deveria – encarar o show de sua própria personalidade”, e, em contrapartida, quanto mais pública for a intimidade, mais envolvimento e engajamento haverá nas redes sociais digitais.

Uma outra característica desse movimento que os jovens fazem nas comunidades virtuais existentes nas redes sociais da internet envolve o desejo de estar vinculado com algo que realmente possa fazer a diferença em sua vida. Nem tudo representa uma relação de longa duração e o entrar e sair vai estar relacionado com o quão fortes são os vínculos e os laços existentes entre os participantes da comunidade. Para Milani e Monteiro (2014, p. 16), a evidência de se passar a pertencer a uma comunidade virtual, “[...] parece estar, de alguma maneira, na identidade do participante por meio do contato com pessoas que compartilham os mesmos interesses e que se dedicam a trocar ideias e experiências”.

A inserção se dá pela relevância, pela representação, pelo poder de engajamento e identificação que a comunidade causa no indivíduo e acaba sendo fundamental para que se efetivem as trocas com os demais participantes, ou, seguidores, no caso dos canais DePretas e Louie Ponto. Fazer um comentário, expor uma condição social, ser estimulado a participar, a viver aquele espaço, dentro de uma relação em que textos, imagens e sons se intercalam, em uma sintonia normatizada previamente entre os elementos da comunidade, criando uma interdependência real e executada “[...] porque neste novo contexto cabe à tela, ou à mera visibilidade, a capacidade de conceder um brilho extraordinário à vida comum recriada no rutilante espaço midiático” (SIBILIA, 2016, p. 312).

Pelo fato de agir como uma aceleradora de posicionamentos e defesas, sejam questões políticas, ambientais, étnico-raciais e/ou de gênero, as redes sociais na internet vão atuar diretamente no entendimento de que o tempo é o agora, de que olhando o outro e suas experiências, consigo me enxergar, pertencer a algo. Uma convivência contínua e próxima, em que se partilham projetos, desejos, dificuldades, ou, como situa Bentes (2015, p. 117), ao abordar os discursos feitos por jovens em favelas cariocas, algo que irá contribuir “[...] para empoderar esses jovens, restituir-lhes autonomia, criar novas condições para uma inclusão subjetiva ou uma ‘intrusão social’, a aposta é a apropriação tecnológica e simbólica, tudo o que produza um aumento de potência/autonomia/autogestão”.

O ensinamento pode estar, então, com alguém que fala contigo por uma tela e está no mesmo prédio onde você mora ou trabalha, mas o mesmo diálogo pode ocorrer com indivíduos que estão distantes, mas são capazes de transmitir fluxos, aproximações e relacionamentos. Uma relação comunitária, que vai se formando, se constituindo, agora entre vizinhos digitais, unidos por ideais próximos, ou por necessidades voltadas a aprendizagem, a engajamento e pertencimento. Personagens com voz e imagem, com histórias que materializam vivências, transformam vidas e contribuem com inúmeras pessoas.

YOUTUBE: UM AMBIENTE PARA SER E SE VER

Da exibição de vídeos do cotidiano, passando pelas comerciais que marcaram época, chegando em partes ou na totalidade de filmes. A plataforma YouTube.com surge como o grande repositório de audiovisual e, aos poucos, se molda para um espaço de manifestação, de aprendizagem, em que surgem novas celebridades, que atuam com conteúdos dos mais diferentes, do entretenimento a histórias que vão defender ideais e opiniões. Nesse sentido, por meio dos vídeos publicados em um ritmo frenético na plataforma, são elaborados e disseminados conteúdos que divertem, ensinam, que podem ser compartilhados, mas que também ajudam a formar senso crítico, a ter argumentos para defender algumas posições e/ou atacar outras.

Sibilia (2016, p. 66) observa que “[...] os acontecimentos [...] relatados são tidos como singulares e verdadeiros porque se supõe que são experiências íntimas de um indivíduo real: o autor narrador e personagem principal da história”. Tem-se no YouTube, então, a produção de conteúdos que vão atuar na disseminação de ideias, na socialização de temáticas, na representação de pessoas e indivíduos, aqui situados em canais que circulam por *games*, filmes, músicas, mas que também chegam a questões sociais, entre as quais as que são analisadas neste artigo – étnico-raciais e gênero.

Tornar-se referência e impactar as pessoas que estão à sua volta pode levar a uma busca desenfreada atrás de curtidas, compartilhamentos e cocriação de conteúdos, fato que tem relação com a evolução financeira exposta por alguns *youtubers*, por conta das mídias digitais se constituírem “[...] espaço de distribuição, mas também de produção de novos processos, produtos e serviços, que eventualmente se tornam valores para a produção de outros processos, produtos e serviços” (ANTOUN; MALINI, 2013, p. 31). Um contexto que surge amparado pelo aprimoramento dos computadores, *smartphones* e *tablets*, que geram possibilidades diferentes de inserção social, atuando para que o indivíduo faça com que suas ideias circulem junto ao volume de pessoas infinitamente superior.

Esse contexto é dialogado por Jenkins (2009, p. 34) quando ele indica que “[...] os jovens passaram a encarar o YouTube como uma plataforma para a expressão individual e coletiva; muitas vezes eles se sentem excluídos pela linguagem dos especialistas em política tradicional [...]”. Isso tem materializado nosso desejo e nossa inquietude atual de querer não só expor nossa vida pessoal, mas saber o que está acontecendo no cotidiano dos outros, de pessoas comuns como nós, mas que, por partilhar dos mesmos sofrimentos e alegrias, acabam construindo personagens vivos, próximos e desejados por uma multidão de seguidores (SIBILIA, 2016).

Aqui um ponto a ser dialogado: será que seriam os *youtubers* criadores de um novo perfil de celebridade? Nas discussões realizadas nos grupos de foco, os participantes demonstram que identificam em quem seguem na plataforma um perfil de celebridade, diferente das que se situam na televisão, nas revistas e circuitos de moda e esporte, por que agora, mesmo que

separados por uma tela, conseguem se sentir próximos, como se estivessem ali, conversando um de frente para o outro. Essa linha de raciocínio não é acompanhada pelas *youtubers* que integram o objeto deste estudo, sendo que ambas não se enxergam como celebridades, apesar do alto nível de seguidores, engajamento e compartilhamentos que ocorrem nos vídeos que publicam.

O que de fato ocorre é que “[...] fazendo uso ativo da internet, *youtubers* e outros perfis de influenciadores são precursores de novas formas de conteúdos digitais e atuam como iniciadores na experimentação e no deslocamento de gêneros e plataformas” (MATOS, 2019, p. 68). Histórias que inspiram, que transbordam das telas, que transformam as pessoas, que exercem impacto nas conversações e na convivência entre os integrantes e visitantes dos canais e que, para o *youtuber*, acaba por constituir algo muito importante, chamado de capital social, que pode trazer resultados simbólicos, como reputação, oportunidades de negócio (publicação de livros, participação em filmes e produtos afins), maior visibilidade e uma capacidade diferente de tornarem-se “[...] ícones midiáticos e deuses e deusas da vida cotidiana” (KELLNER, 2006, p. 126).

METODOLOGIA

O presente estudo apresenta, em seu desenvolvimento, a aplicação de multitécnicas de pesquisas qualitativas. A escolha por esse método leva em conta a contribuição que se dá para que pesquisadores possam estudar “[...] as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Como suporte para o objeto de estudo foram escolhidos dois canais, levando em conta as macros temáticas “questões étnico-raciais” e “direitos humanos”.

Inicialmente, foram realizadas entrevistas individuais com as *youtubers* Gabi Oliveira (Canal DePretas) e Louie Ponto (cujo canal leva o seu nome). As entrevistas ocorreram nos dias 10 e 26 de abril de 2019, tiveram duração de, aproximadamente, uma hora e 30 minutos, foram gravadas e transcritas. Para facilitar a análise dos resultados, as falas das entrevistadas foram agrupadas em categorias relacionadas aos temas que compõem o estudo. Conforme Richardson *et al.* (1999, p. 208), a entrevista é um instrumento no qual “[...] por meio de uma conversação guiada, pretende-se obter informações detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa”.

Em um segundo momento, foram realizados quatro grupos de discussão, dois para cada macro temática, sendo que a atividade ocorreu nos dias 18 e 25 de maio de 2019, cada uma delas teve duração de cerca de uma hora e 30 minutos, contando com a participação de seis a oito pessoas, em cada grupo de discussão. Sá Martino (2018) situa que em grupos de foco é importante ficar atento às opiniões geradas por meio da troca e das conversas entre os participantes.

Os participantes foram selecionados com perfil de idade superior a 18 anos, universitários e, no seu dia a dia, precisavam seguir canais no YouTube e ter vínculo com as temáticas da discussão que participariam. As discussões dos grupos foram gravadas em áudio e vídeo e transcritas posteriormente, sendo também interligadas em categorias, com análises das falas e imagens (MINAYO, 2016).

Por último, ocorreu a investigação via etnografia na *web*, quando foram escolhidos os dois vídeos mais assistidos de cada canal, por meio de ferramenta da própria plataforma YouTube.com e o conteúdo de cada vídeo foi também transcrito para análise. Para observar como ocorreram as trocas entre quem fez comentários nas postagens feitas por Gabi Oliveira e Louie Ponto foram selecionados os 20 principais comentários de cada um dos quatro vídeos, sendo que além da fala inicial foram abertas as interações para poder identificar as trocas existentes entre os seguidores. Aqui novamente a plataforma YouTube.com conta com uma ferramenta que permite chegar aos principais comentários feitos em cada vídeo. A figura 1 ilustra a metodologia de pesquisa utilizada para o estudo.

Figura 1: Processo metodológico com uso de técnicas de pesquisa qualitativa



Fonte: elaboração própria

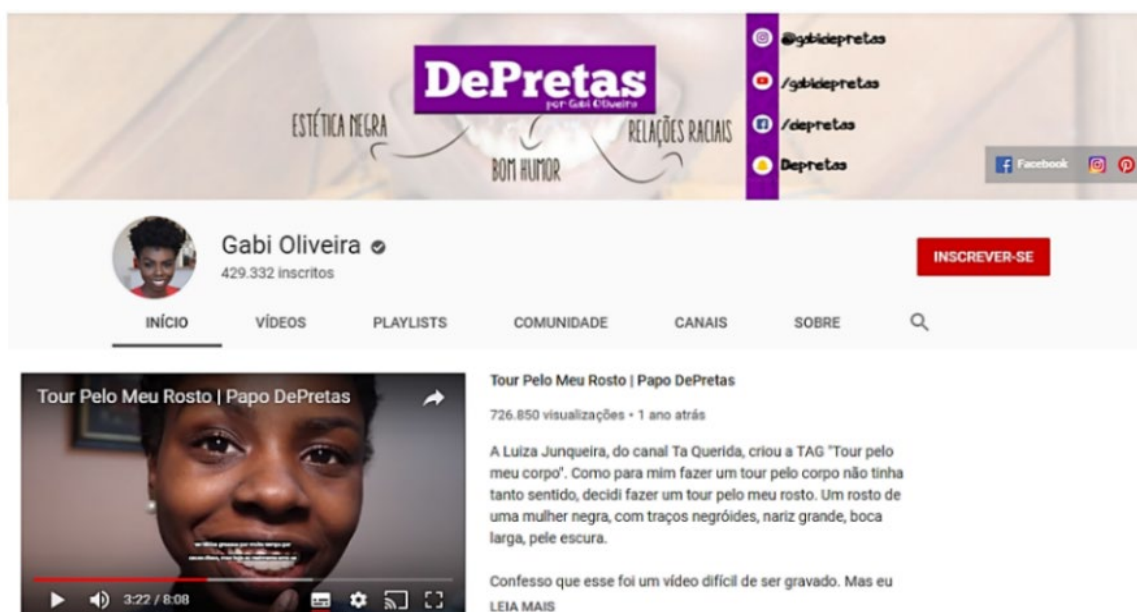
Durante todo o processo de análise via etnografia na *web*, busca-se um efetivo entendimento das narrativas expostas, sejam nas imagens ou nos áudios, pois, de acordo com Sá Martino (2018, p. 169), “[...] narrativas criam o sentido de comunidade: ser parte de um grupo é, de alguma maneira, compartilhar e viver suas narrativas, definindo narrativamente quem somos”. O caminho exposto aqui, para aplicação da etnografia na *web*, levou em consideração os estudos realizados por Fragoso, Recuero e Amaral (2011), nos quais se percebe que as interações possibilitadas por curtidas, compartilhamentos e comentários têm, nesse método de pesquisa, um instrumento que contribui para o entendimento de comportamentos sociais, a partir da inserção do pesquisador na comunidade e no campo de estudo.

DEPRETAS E LOUIE PONTO – CAUSA QUE ENGAJA, GERA PERTENCIMENTO E IDENTIFICAÇÃO

Neste capítulo, serão expostos os canais que fizeram parte das investigações que compõem o artigo. Ao mesmo tempo que se faz uma descrição dos canais DePretas e Louie Ponto, também serão expostas partes da coleta de dados, de modo a constituir a discussão dos resultados. As representações, as vozes, os comentários e as falas estarão presentes, colaborando nas relações entre a teoria aqui apresentada e os resultados obtidos nas diferentes etapas de pesquisa aplicadas ao longo do processo.

Criado por Gabi Oliveira, formada em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o canal DePretas surgiu com a ideia de valorizar a estética da mulher negra, por conta do vazio encontrado pela *youtuber* em relação às questões raciais. Os vídeos publicados por Gabi geralmente até 2019, quando a pesquisa foi desenvolvida, trazem pitadas do cotidiano, mescladas com produtos de beleza, mas que, no fundo, emergem uma grande discussão sobre os pontos que envolvem as questões raciais e a sociedade atual, como pode ser observado na figura 2, a seguir.

Figura 2 – Imagem da capa do Canal DePretas – Gabi Oliveira



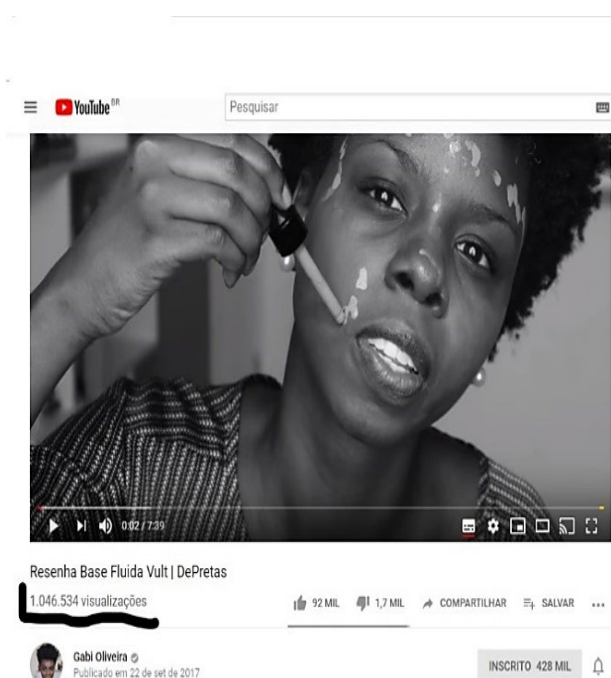
Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILiJ1kng>. Acesso em: 15 de jun. 2017

DePretas possui, hoje, mais de 660 mil seguidores, tendo Gabi Oliveira publicado 323 vídeos que já geraram mais de 27 milhões de visualizações. Atualmente, os vídeos do canal retratam o cotidiano de Gabi, enquanto mãe que adotou duas crianças e expõe sua rotina familiar. Na sua entrevista, definiu o Canal como um espaço que aborda as vivências das pessoas negras no Brasil: “[...] *por isso, eu posso me considerar uma interface que as pessoas buscam pra*

entender como nós estamos nos comunicando hoje, como as pessoas negras no Brasil têm se comunicado e têm expressado a sua cultura” (GABI OLIVEIRA, 2019). Percebe-se, assim, que a produção audiovisual realizada em DePretas se constitui como um espaço emergente para a política, para a poética, para que uma multidão possa, mediante uma narrativa montada de modo coletivo e colaborativo, difundir suas ideias e lutas (BENTES, 2015).

Isso pode ser observado nas construções feitas por Gabi nos vídeos aqui analisados e expostos na figura 3 e figura 4. No primeiro, “Resenha base fluida Vult” percebe-se claramente o papel social e político a partir da abordagem de uma temática relacionada a estética, mas que se torna o passaporte para debater questões centrais relacionadas à mulher negra, capazes de intensificar ações de engajamento e inserção social.

Figura 3 – Vídeo “Resenha base fluida Vult”



Fonte: Elaboração própria

O mesmo acontece no vídeo “Cabelo 4C igual Bombril e responsabilidade”, quando, já no começo do vídeo, Gabi Oliveira deixa bem clara sua intensão em relação ao que será abordado: *“Eu normalmente não costumo fazer vídeos como esse que eu vou fazer aqui hoje, eu não costumo parar tudo pra comentar assuntos que estão em alta nas redes sociais. Só se eu entender realmente que aquele assunto é relevante”*.

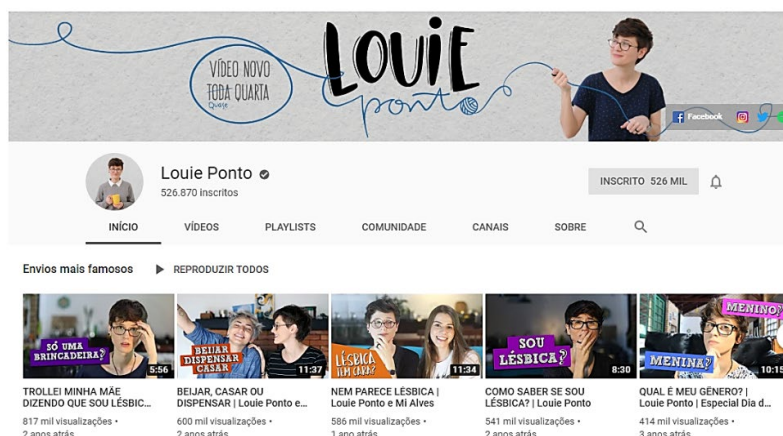
Figura 4 – Vídeo “Cabelo 4C igual Bombril e responsabilidade”



Fonte: Elaboração própria

Louie Ponto, a segunda *youtuber* integrante da pesquisa, é uma das precursoras no YouTube, tendo começado em 2008. Formada em Letras (português) e mestre em Literatura na linha de crítica feminina e estudos de gêneros, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Louie Ponto recordou, em sua entrevista, vários momentos em que recebeu comentários preconceituosos, com xingamentos LGBTfóbicos, mas que traz presente em sua memória algo mais importante, que “[...] por outro lado, tinha muita gente buscando identificação, procurando por uma referência [...] principalmente meninas me perguntando assim, né, se eu era lésbica, como era comprar roupas na seção masculina, esse espaço não preenchido [...]” (LOUIE PONTO, 2019).

Figura 5 – Imagem de capa do Canal Louie Ponto



Fonte: <https://www.youtube.com/user/loouieee>. Acesso em: 29 jun. 2019

Seu histórico enquanto o que podemos chamar de “ativista na *web*” levou a produção de 235 vídeos, que fazem com que ela tenha, atualmente, 672 mil seguidores, totalizando 25.632.770 visualizações. A percepção de que Louie Ponto atua sobre o pensar de quem assiste, impactando e auxiliando na identificação e engajamento com a temática, pode ser percebida na fala de uma das participantes do grupo de foco 1 – gênero, quando coloca que “[...] *eu gosto do entretenimento que ela faz, essa conversa leve que ela tem. Eu acho que essa conversa, ela me impacta e ela agrega pra mim [...] então eu acho que ela vai me influenciar nesse sentido [...]*”.

Essa força de representatividade, de ser referência, de acolher e reverberar uma causa, pode ser percebida no vídeo “Trollei minha mãe dizendo que sou lésbica” (figura 6). De entrada, para iniciar a conversa ela já chega “*Eu nem sei como começar esse vídeo, vou pegar uma água, e eu recomendo que você também pegue uma água, porque hoje não tá fácil, tá puxado, tá polêmico*”. O vídeo aborda a história de três meninas que, junto com o pai, combinaram de armar a brincadeira com a mãe, devido a uma foto de uma das filhas muito próxima a outra menina, o que acabou por gerar mais tensão na família do que propriamente um ato relacionado a brincar.

Figura 6 – Vídeo “Trollei minha mãe dizendo que sou lésbica”



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_Tzee8tHa0Y. Acesso em: 8 abr. 2019

Como nos grupos de foco foram exibidos os vídeos para que os participantes também pudessem tê-los como perspectiva de diálogo, é interessante trazer aqui a fala de um dos

participantes do grupo de foco 2 – gênero, sobre o que mostra uma dualidade presente no Youtube, pois o vídeo mostra “[...] de um lado tem uma pessoa falando de um assunto sensato, e do outro, têm pessoas fazendo vídeos e postando coisas que ofendem, que discriminam, que espalham mentiras”. Da fala do participante observa-se uma ação de relação entre o que Louie Ponto traz na proposta do seu vídeo e o que Butler (2018) coloca em relação a se preocupar, a se ver no lugar do outro, fatores que também são constitutivos da formação das redes.

O segundo vídeo mais popular no momento das análises, mostra um lado mais descontraído da *youtuber*. Com o título de “Beijar, casar ou dispensar”, traz ao seu lado outra *youtuber*, Pietra de Pinho, para que ambas façam um tipo de vídeo bem comum na época de sua veiculação no YouTube, ou seja, a aplicação de um jogo de palavras em que quem alimenta o jogo dizendo o que será respondido são os seguidores, via plataformas digitais. O ambiente, ao contrário do vídeo anterior, estava leve, descontraído, mostrando uma proximidade entre as participantes e isso pode ser visto na fala de abertura feita por Louie Ponto: “Hoje a gente vai gravar uma tag que eu gosto muito, faz muito tempo que eu queria gravar aqui no meu canal, que é beijar, casar ou dispensar”.

Figura 7 – Vídeo “Beijar, casar ou dispensar”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=N4LLObzsbnE>. Acesso em: 8 abr. 2019

Tendo como ponto de partida os vídeos publicados, dentre eles os aqui analisados, são constituídos grupos de diálogo nessas redes *on-line*, nas quais um texto dispara o gatilho para muitas outras interações. Isso que gera engajamento e fluxos de troca, uma narrativa de união e proximidade, que serve para entreter, mas também para refletir sobre a temática em discussão. Sobre engajamento, Louie Ponto (2019) observa que “[...] você pode ter milhões de visualizações no vídeo, ou no seu canal, ou na sua rede [...] mas não ter engajamento, e o

engajamento demonstra que você consegue criar um vínculo com seu público [...] quando você vê que mobiliza as pessoas [...]”.

Esse vínculo evolui com a proposição de conteúdos que possuem significado e relevância para a rede inserida no canal. Algo que começa com a capacidade de induzir processos de diálogo por parte do *youtuber*, em situações que são capazes de dar voz e sentimento para quem é LGBTQI+ ou uma pessoa negra e, até então, não se via representada. Angústias, sofrimentos e perda de identidade e aceitação, que somente são revertidas levando em consideração os debates e as reverberações orquestradas após a publicação do vídeo do canal. Uma amostragem dessa situação pode ser percebida no vídeo “Trollei minha mãe dizendo que sou lésbica”, quando 2,7 mil pessoas o marcaram como positivo e fizeram falas transmitindo carinho, força e coragem.

Comentário

Quando eu tinha 20 anos, minha mãe descobriu que sou bissexual e namorava uma menina. Ela me bateu, muito. Com vassoura, com a mão fechada. Eu fiquei bastante tempo fora de casa, em casa de amigos, de favor, sem meus documentos porque meus pais esconderam. Só de saber que esses vídeos existem eu já quero chorar. Quem acha graça disso não faz ideia do que milhares de jovens LGBT passam todos os dias.

2 anos atrás

2,7 mil

Comentário

Mds vc eh linda espero que isso não te abale mais, tu tem muita coisa pela frente kk já me escrevi no teu canal

1 ano atrás

Comentário

Querida espero que vc esteja melhor e que vc seja confortada e acarinhada pelos seus amigos e por nós. Lembre-se amigos são família que nós escolhemos

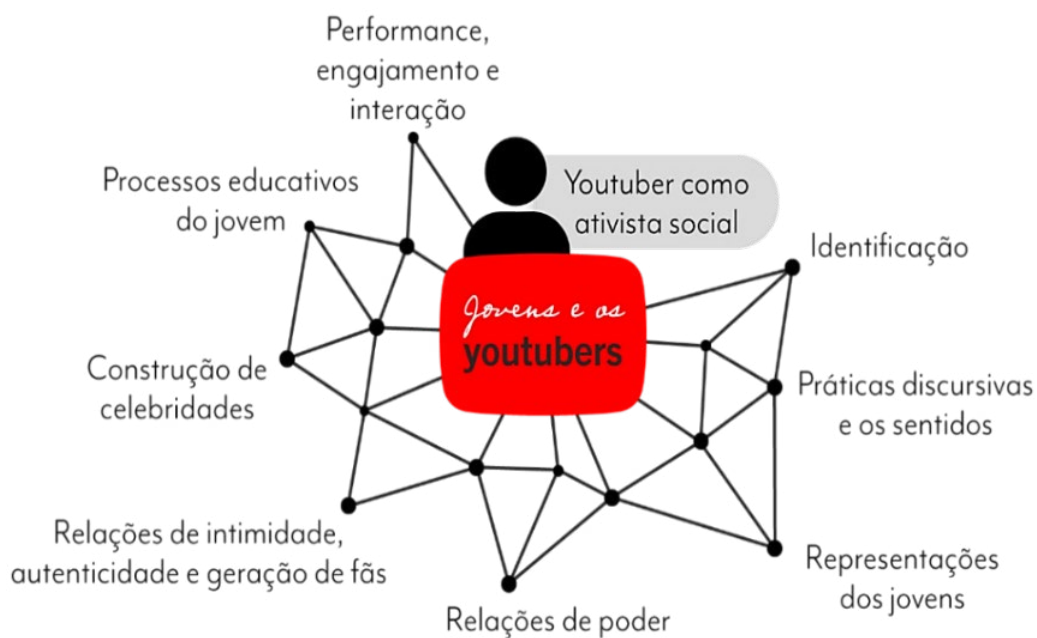
1 ano atrás

Observa-se aqui a representação de um envolvimento contínuo, que propõe laços, reivindicações, ocupação de espaço, de seguidores que buscam também a sua visibilidade e se tornam íntimos entre si. Em uma de suas reflexões, Maffesoli (2017, p. 41), coloca que “[...] as discussões sobre redes de internet, as aglomerações urbanas suscitadas pelos vários *flashmobs* e as manifestações espontâneas são algumas das expressões do ‘net-ativismo’ contemporâneo, cujas consequências ainda não acabamos por explorar”. E isso, de alguma maneira, pode ser observado no comportamento das redes configuradas a partir dos canais e que aqui foram analisadas.

A expressão desse processo está na figura 8, que fecha a análise da pesquisa. Feita com base nas análises das entrevistas, dos grupos de discussão e da aplicação da etnografia

na *web*, traz as nove categorias de análise da pesquisa. Cada um desses pontos demonstra que a abordagem de temas não afeta apenas um indivíduo, mas grande parte da rede de quem acompanha os canais DePretas e Louie Ponto. Ações são desencadeadas por essa rede de afetos, dentre elas, o compartilhamento, como no caso de uma das participantes do grupo de foco 2 – gênero, que distribui para sua rede o vídeo “Trollei minha mãe que sou lésbica” e os sentimentos de identificação, presentes no relato de uma das participantes do grupo de foco 2 – questões étnico-raciais, quando diz que “[...] eu achava muito que o problema era comigo, essa questão de identificação, então a partir do momento que eu vi outros canais e vi que isso, de fato, acontecia, eu passei a entender mais [...] me influenciou no que eu sou hoje, na forma como eu penso hoje [...]”.

Figura 8: Categorias de análise geradas a partir das investigações



Fonte: elaboração própria

A questão de ativistas sociais ganha um respaldo importante na análise, por conta da mobilidade social, do engajamento e dos processos de identificação que as *youtubers* proporcionam com os conteúdos apresentados nos vídeos. Mas isso se amplia, seja por conta dos processos educativos, das relações de intimidade e poder, delas se tornarem representações para os jovens que as acompanham. O que faz chegar ao consumo de ideias, mas também de produtos e serviços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da investigação que compõe esse artigo foi composto de muita aprendizagem, de entender como as redes sociais na internet e as pessoas nela inseridas se constituem, hoje, como um território de construção de sentidos para os jovens e tantas outras pessoas que por lá circulam, criando conteúdos, estabelecendo trocas, se vendo e se encontrando enquanto indivíduos. A pesquisa foi responsável não só por várias descobertas importantes e significativas, mas também para um fazer mais presente e sensível às falas, às mensagens, a todas as informações que foram sendo coletadas durante o percurso de realização da tese de doutorado em comunicação e cultura na UFRJ.

Assim como os seguidoras, as pessoas que participaram dos grupos de discussão e as próprias *youtubers*, me senti uma pessoa em construção e como alguém que estava dando vazão a histórias, sentidos e vozes. Gabi Oliveira (2019) reforça muito bem essa situação quando diz “[...] *o que eu e outros canais estamos fazendo na internet é criação de novas narrativas sem revisionismo, que não é pautado em nenhuma literatura. É uma nova narrativa pautada em literatura, pautada em estudo [...]*” e que também “[...] *promovem a igualdade seja racial, seja de gênero [...]*”, trazendo ainda “[...] *discussões que rompem essa bolha que alguns vivem*”.

O que aponta Gabi Oliveira é um desafio constante de quem produz conteúdo na rede, ou seja, o de saber e entender o que é pertinente para o público com o qual quer interagir, conversar, dialogar, para que, enquanto *youtuber*, possa se tornar uma influenciadora que impacta a rede formada ao entorno dela. Nessa linha de direção, Bentes (2015, p. 44), aponta que “estamos num momento intenso de potencialização política e de emergência de novos discursos e atores que usam as redes sociais e se organizam conectando as redes digitais com os territórios e os corpos”. Essa potência exercida por alguns perfis de canais no Youtube (DePretas e Louie Ponto estão nesse grupo) produz efetivamente sentidos em jovens e adultos, levando a processos de identificação, engajamento, pertencimento e reconstrução de um sujeito que passa a se descobrir no mundo ao qual está inserido.

São vivências, histórias, caminhos que relatam encontros, alguns desencontros, tramas de um cotidiano nada perfeito. Em que indivíduos lutam para se reconhecer, se reconectar, saindo de um vazio para encher sua alma com o conteúdo proposto nos vídeos, nos textos, nas imagens. Uma intimidade que se desnuda nas falas, nos gestos, nas trocas e interações feitas nos comentários, que torna as *youtubers* Gabi Oliveira e Louie Ponto constituintes de forte ativismo social, ocupando espaços, constituindo uma narrativa que faz decolar sentimentos e discussões sobre problemas sociais, por vezes, jogados de lado pela sociedade.

REFERÊNCIAS

Artigos publicados em eventos

CYPRIANO, Cristina Petersen; SANTOS, Francisco Coelho dos Santos. A posse de um smartphone e os traços de uma subjetividade conectada. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO CONSUMO*, 7., 2014, Rio de Janeiro. *Anais...* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Artigos publicados em revistas/jornais

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. *Revista USP*, São Paulo, n. 86, p. 122-135, jun./ago. 2010.

Entrevistas

OLIVEIRA, Gabi. Entrevista concedida a Silvio Simão de Matos, em 10 de abril de 2019.

PONTO, Louie. Entrevista concedida a Silvio Simão de Matos, em 26 de abril de 2019.

Grupos de foco

Temática Gênero – realizados em 18 de maio de 2019, sendo o primeiro das 14h às 15h50 e o segundo, das 16h às 18h.

Temática Étnico-Racial – realizados em 25 de maio de 2019, sendo o primeiro das 15h às 16h30 e o segundo, das 16h40 às 18h30.

Livros

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. *@internet e #rua* – ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BENTES, Ivana. *Mídia-multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas* – notas para uma teoria performativa de

assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet** – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

DI FELICE, Massimo. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos particulares. *In: _____*; PEREIRA, Eliete; ROSA, Erick (orgs.). **Net-ativismo** – redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papyrus, 2017.

FEIXA, Carles. **De la generaci3n@ a la #generaci3n** – la juventude em la era digital. Barcelona: Ned Ediciones, 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 209 p.

GIL, Antonio Carlos. **Dados e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. *In: MORAES, Dênis de (Org.)*. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MAFFESOLI, Michel. “Net-ativismo”: do mito tradicional à cibercultura pós-moderna. *In: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROSA, Erick (orgs.)*. **Net-ativismo** – redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papyrus, 2017.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos** – o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade** – Quem você pensa que é? São Paulo: Paulos, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MILANI, Débora Raquel da Costa; MONTEIRO, Sueli Aparecida Itman. **Mídias digit@is e culturas juvenis: construindo novos caminhos em educações**. Curitiba: Appris, 2014.

PRIMO, Alex (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

RECUERO, Raquel. **A conversa3o em rede: comunica3o mediada pelo computador e redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura** – perspectivas, questões e autores. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SANTAELLA, Lucia. O DNA das redes sociais digitais. *In*: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de (orgs.). **Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades**. São Paulo: INTERCOM, 2013.

SANTAELLA, Lucia. Política nas redes e nas ruas. *In*: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROSA, Erick (orgs.). **Net-ativismo** – redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papyrus, 2017.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação** – criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu** – a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SPURK, Jan. Do reconhecimento à insignificância. *In*: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine. **Tirantias da visibilidade** – o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: FAP-Unifesp, 2013.

Trabalhos acadêmicos

MATOS, Silvio Simão. **Subjetivação e ativismo nos canais DePretas e Louie Ponto – identificação, engajamento e pertencimento**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro: 2019.

Vídeos analisados

Canal DePretas

RESENHA base fluida Vult. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XXY7h2CgJ2Q>. Acesso em: 21 mar. 2019.

CABELO 4C igual Bombril e responsabilidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v93tX36gLaA>. Acesso em: 21 mar. 2019.

Canal Louie Ponto

TROLLEI minha mãe dizendo que sou lésbica. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Tzee8tHa0Y. Acesso em: 8 abr. 2019.

BEIJAR, casar ou dispensar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N4LLObzsbnE>. Acesso em: 8 abr. 2019.